

CONTRIBUIÇÕES DE MAGALHÃES E PORTO-ALEGRE PARA A FORMAÇÃO DO ROMANTISMO

Sintia da Motta¹
Ulisses Infante²

Resumo:

Propõe-se aqui a análise de alguns textos de Gonçalves de Magalhães e de Manuel de Araújo Porto-Alegre que integram o início do movimento romântico no Brasil. Os textos: *Lede* [primeira edição] (1836); *Os indígenas do Brasil perante a história* (1859); *Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro* (1864); *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil (1836)* e *Lede* [segunda edição] (1859) de Magalhães e *Ideias sobre a Música* (1836) de Porto-Alegre possibilitam identificar inúmeras características que se afinam no que diz respeito à construção do movimento Romântico brasileiro. A partir do estudo desses textos, busca-se discutir como esses autores pensaram e difundiram as ideias românticas ainda antes de o período se consolidar definitivamente a ponto de ser consagrado pela crítica literária; dessas leituras se pode, portanto, entender a genealogia do período Romântico, pois, a seu modo, cada documento valoriza a nacionalidade brasileira, discorre sobre religião, mitologia e apresenta a cultura indígena com entusiasmo, ou seja, os textos divulgam ideias que os autores acreditavam ser importantes para a construção de uma identidade nacional.

Palavras-chave: Literatura; Romantismo; Resgate; Genealogia.

Abstract:

This paper focus on the analysis of some texts by Gonçalves de Magalhães and Manuel de Araújo Porto-Alegre which integrate the beginning of the Romantic Movement in Brazil. The texts *Lede* [first edition] (1836); *Os indígenas do Brasil perante a história* (1859); *Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro* (1864); *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil (1836)* and *Lede* [second edition] (1859) by Magalhães and *Ideias sobre a Música* (1836) by Porto-Alegre make it possible to identify a number of features that are alike when comes to the construction of the Brazilian Literature Romantic Movement. From the study of these texts, it is expected to discuss how these authors thought and disseminated the romantic ideas even before the total consolidation of this period became remarkable to literary criticism; from these readings it can be understood the genealogy of the Romantic period, on its own way each work values the Brazilian nationality, talks about religion, mythology and shows the indigenous culture with enthusiasm, that means, the texts promote ideas that the authors believed to be important for the construction of a national identity.

Keywords: Literature, Romanticism; Rescue; Genealogy.

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – campus Pato Branco.

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP.

O ano de 1836 marcou, segundo a crítica literária, o início do movimento Romântico na literatura do Brasil, com a publicação do livro de poesias, *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães.

Há que se lembrar de 1836 também como o ano em que foram trazidos a público o primeiro e o segundo volumes de uma revista chamada NITERÓI [1]. Apesar de terem sido lançados apenas esses dois volumes, foram de suma importância para a divulgação das ideias românticas, que vinham pairando na cabeça dos seus idealizadores.

A Revista Niterói foi publicada em Paris por um grupo de jovens intelectuais do Brasil. O grupo que deu à luz essa publicação era formado, segundo CANDIDO [2], “por José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco de Sales Torres Homem, João Manuel Pereira da Silva, Cândido de Azeredo Coutinho, sob a liderança do primeiro”.

Niterói foi idealizada para difundir as ideias modernas do período em que foi lançada (que hoje são consideradas românticas), e era, sobretudo, um veículo de divulgação científica com publicações voltadas para diversas áreas do conhecimento; seu objetivo era de tal forma atualizar seus leitores, intelectuais da época, que trouxe artigos de divulgação de assuntos bastante diversificados, tais como: economia, religião, música, química, literatura, entre outros.

Possivelmente, um dos artigos com maior impacto sobre a ideia de transformar a literatura no Brasil, foi o intitulado *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil*, redigido pelo próprio Magalhães e publicado no primeiro volume da Revista Niterói. Segundo FRANCHETTI [3] esse ensaio, juntamente com os *Suspiros Poéticos*, publicados no mesmo ano, “fazem parte de um programa de criação da literatura nacional”, ou seja, ambas as obras de Magalhães, juntamente com as publicações dos demais jovens da Revista, visavam modificar a literatura do Brasil, trazendo para esta a valorização de algumas questões como a religião, a natureza, o índio e a nacionalidade, que vieram a ser, de fato, as principais características do Romantismo no Brasil.

Da leitura e estudo de inúmeros textos considerados documentos da história da literatura Romântica, tais como: *Lede* [primeira edição] (1836); *Os indígenas do Brasil perante a história* (1859); *Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro* (1864); *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil* (1836); *Lede* [segunda edição] (1859) e *Ideias sobre a Música* (1836) é possível perceber e indicar a contribuição dos autores Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre para o Romantismo, além de identificar inúmeras características que se afinam no que diz respeito à construção do movimento Romântico no Brasil.

Os textos, a seu modo, valorizam a nacionalidade brasileira, discorrem sobre religião, mitologia e apresentam a cultura indígena com entusiasmo, ou seja, divulgam ideias que os autores acreditavam ser importantes para a identidade nacional, podendo ser considerados como documentos da história do Romantismo.

Seguindo a ordem cronológica, os primeiros textos a apresentar ideias que caracterizam o Romantismo são a primeira edição do prefácio de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Magalhães, publicado em 1836 na cidade de Paris e o *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil*, do mesmo ano.

Esse primeiro informa como os poemas foram escritos e organizados no livro de versos e qual a sua finalidade, além de ser uma fonte de elementos que apresentam pela primeira vez o movimento Romântico.

Segundo CANDIDO [2] o prefácio “define explicitamente a teoria romântica, fundamentando as razões que a amparavam, manifestando o intuito de participar duma nova estética”.

Magalhães emprega palavras que entusiasma os jovens escritores: “é um livro escrito segundo as impressões dos lugares; ora sentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus” e explica que “para bem avaliar-se esta obra, três coisas releva notar-se: o fim, o gênero e a forma”. A finalidade dos poemas está em “elevar a poesia à sublime fonte donde ela emana [...] traçando no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos” o que é uma referência a algo transcendental, platônico e programático, ou seja, Magalhães busca transformar a literatura no Brasil, inserindo características novas à escrita que se tinha.

Uma das características mais marcantes do texto *Lede* é a referência à religião e seu aspecto moralizador: para Magalhães a “poesia, este aroma d’alma, deve de contínuo, subir ao Senhor”. O texto aponta uma ideia de que, sem a religião, a poesia não alcança o seu propósito: “O poeta sem religião e sem moral é como o veneno derramado na fonte onde morrem quantos procuram aí aplacar a sede”.

Portanto, o autor estabelece como fim para os seus poemas o falar com uma carga de ideias sublimes. Quanto ao gênero, Magalhães profere que a sua poesia se apresenta naturalmente e discorre de forma crítica sobre a imitação que tinha até então, pois “desprezavam os poetas a consideração se a mitologia podia ou não influir sobre nós”, ou seja, para Magalhães a simples referência aos deuses, ou aos gregos, não tornava nada belo.

Quanto à forma, o autor propõe uma construção “sem nenhuma ordem”, o que se fará, também, característica do Romantismo. Por fim, esse texto alude brevemente à pátria, que será indispensável na caracterização do período literário que se inicia: “Nós te enviamos [livro], cheios de amor pela pátria, de entusiasmo por tudo que é grande, e de esperanças em Deus, e no futuro”.

O texto *Lede* foi reeditado pelo Magalhães no ano de 1859. Nessa nova versão o autor retirou algumas partes do texto original, que julgou desnecessárias para a segunda edição e se preocupou em dizer que a finalidade da poesia é “indicar apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos”, modificou a oração acrescentando uma referência direta de que o Brasil é o único lugar em que esta poesia precisa traçar um novo caminho, provavelmente porque o movimento Romântico foi forjado na Europa e trazido para o Brasil por esse grupo de jovens idealizadores da Revista Niterói, encabeçados por Magalhães e de forma programática.

O ano de 1836 também foi o ano da publicação de *Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil estudo Preliminar*, de mesma autoria. Esse texto foi a participação de Magalhães no primeiro volume da Revista Niterói, considerado por críticos como FRANCHETTI [3], primordial para o entendimento da história literária, “cujas propostas, diagnósticos e, inclusive, metáforas de base encontrarão ecos poderosos ao longo do século XIX e pelo XX adentro”.

O ensaio revela a visão de Magalhães sobre o que é a literatura, como um conceito que traduz a primeira visão do Romantismo: “A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas ideias, de mais filosófico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões”, ou seja, existe um vínculo necessário entre a

literatura e a ideologia, o heroísmo, a natureza e o nacionalismo, todas essas características apresentadas são essenciais para esse período literário que está começando.

Magalhães quer, sobretudo, traçar uma ideia da literatura voltada para o nacional, em oposição a Portugal e seu “formalismo neoclássico” e ele valoriza no seu texto, de forma crítica, a importância de voltar os olhos para a escrita e para os elementos do seu país, mais do que se tem e se produz fora dele, com base numa literatura cristã.

Na sua perspectiva sobre a História da literatura no Brasil, relata a presença da cultura europeia na escrita nacional, que ele chama de imitação, e discorre ao longo do texto sobre as mudanças que acontecem e são necessárias para a transformação da literatura, fala da presença da mitologia, herdada dos europeus, fala do surgimento da religião e da importância do nacionalismo frente ao período histórico de independência política que o Brasil participa, sem esquecer-se dos povos indígenas, que ajudam a compor o cenário brasileiro, mas os índios, nesse contexto, são apenas parte do território nacional. Para Magalhães “este abençoado Brasil com tão felizes disposições de uma pródiga natureza, necessariamente devia inspirar os seus primeiros habitantes; os brasileiros músicos e poetas nascer deviam”. Apesar de mais tarde Magalhães reconhecer o índio como inspirador e até mesmo como herói para a escrita nacional, nesse ano de 1836, segundo FRANCHETTI [3]

“o índio não comparece no texto do “Ensaio” como postulação de origem da nova literatura, nem como ideal de heroísmo, base da nacionalidade ou fonte de inspiração poética; ele é aí apenas um elemento de prova de uma tese sobre a natureza brasileira, e não sobre o povo ou o caráter brasileiro”

Magalhães, nesse texto, quer expressar sua indisposição com a presença dos portugueses na produção literária e defender “a adoção da França como matriz cultural”, pois esta nação significava, entre outras coisas, a libertação em relação ao colonizador. O autor prega também uma literatura cristã liberta de tudo que caracteriza a literatura de Portugal, responsável pela opressão nacional e por uma má colonização, com pessoas criminosas.

Esse texto foi reeditado por Magalhães em 1865, quase trinta anos depois da primeira versão que queria mudar os rumos literários nacionais. O texto passou a se chamar “Discurso sobre a história da literatura no Brasil” e houve mudanças capazes de modificar o “tom geral do texto”. A França deixou de ser o modelo inabalável para o futuro do Brasil, mas Portugal continuou sendo rejeitado como exemplo a ser seguido.

O embrião da literatura Romântica foi aos poucos se desenvolvendo nesse território sugerido, com aquelas características e projeções previamente idealizadas pelo grupo da Niterói. Naquele importante ano de 1836, Porto-Alegre publicou *Ideias Sobre a Música*, texto indispensável desse movimento literário, sem deixar de considerar que, como afirma DUARTE [4] o artigo de Porto-Alegre tem “tonalidades românticas, muito embora o romantismo tenha chegado à música um pouco mais tarde”.

O autor se preocupou em contar a história da música com uma visão mais atenta ao território nacional, e foi considerado, de acordo com DUARTE [4] o difusor “dos primeiros grandes nomes da música brasileira”. Romanticamente Porto-Alegre enaltece, “por uma perspectiva historicista”, a nação brasileira.

O nacionalismo é, de fato, a característica mais importante nesses primeiros textos publicados em 1836, mas há outros fatores que denunciam logo de início o caráter

romântico do artigo, um deles é o próprio “amor”, sentimento adequado para se remeter ao Romantismo. Nas palavras de Porto-Alegre

“O amor é, sem dúvida, o inventor da música; tal arte não poderia ser produzida por outro sentimento do coração humano. O amor inflamando as faculdades mentais, embalsamando o futuro com desejosas esperanças, diviniza a vida, torna o homem poeta e o desliza no vago harmônico de encantadoras ilusões [...]”.

Tudo no texto remete aos conceitos do Romantismo, a música carrega na sua origem o sentimento amoroso, há música na natureza, na caracterização das nações, na religião e até “no heroísmo” dos povos, e, dessa forma, a música é o elemento que segundo DUARTE [4] “afirma os ideais românticos”.

O artigo de Porto-Alegre informa a história da música num caráter universal, fala dos gregos, das figuras mitológicas que são importantes do ponto de vista Romântico e hierarquiza a música conforme o grau de civilização dos povos que a concebem. Para os povos menos civilizados, que ele chama “selvagens”, a música se faz diferente do que para os povos mais civilizados:

“Há certos dados na natureza do homem, que, por mais que se voltem, sempre apresentam os mesmos resultados. Siga-se um curso musical desde a choupana até o paço, desde a praça da aldeia até o teatro da capital, e degradativamente se observará o progresso e modificações indicadas. No estado selvagem e de barbaria, a música não é mais do que uma assuada contínua; o canto se apresenta em forma de uivos, e a orquestra como um tumulto de armas; mas logo que um pequeno grão de civilização se introduza, ela muda de caráter, e isto se observa nos selvagens do Brasil”.

Embora a música transite por épocas e povos diferentes, sendo citados os italianos, espanhóis, franceses, alemães, entre outros, ultrapassando os anos e levando em conta os momentos importantes da História Universal, na qual ela aparece, é para o Brasil que Porto-Alegre volta a sua maior atenção. O articulista cita nomes que considera importantes na música nacional, além de diferenciar estilos musicais dentro do território brasileiro, citando e explicando a música que se tinha na Bahia em contraste à música de Minas Gerais e à música do sul do país.

Porto-Alegre fala da música, mas para isso investe no nacionalismo, no sentimento de amor, no caráter nacional, na natureza e na religião e contribui expressivamente com a proposta de Magalhães.

Em *Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro* (1864); vinte e oito anos depois dos *Suspiros poéticos e saudades*, Magalhães ainda insiste em ser o pai do Romantismo brasileiro. A carta é escrita ora em versos, ora em prosa e enaltece os mesmos elementos discutidos em todos esses textos. É preciso ressaltar que a carta está datada de 1833, mas a sua publicação tanto tempo depois apenas confirma as ideias da época em que foi escrita e as proposições de quando foi publicada.

O texto se apresenta desde o início com sentimentos e ideias que caracterizam o Romantismo: “Como é doloroso o deixar pela primeira vez a pátria, os pais, os irmãos e amigos! Que tristes recordações, que melancólicas ideias se não apoderam então de nossa alma!”. Com exclamações, referências à pátria e saudosismo a Carta conta sobre a viagem de Magalhães à Europa, fala com saudades do Rio de Janeiro e com esperanças de voltar e servir o país.

Magalhães cita deuses da mitologia de forma debochada, pois, como se sabe, o Romantismo quer a religião cristã, em uma de suas descrições da viagem em alto mar, ele vê algumas criaturas nadando próximas à embarcação na qual viaja e se refere a elas como “corja de tritões”, mas, quando pode vê-las com mais clareza exclama:

“Mas quê! Enganou-me a vista!
Foram-se as minhas ideias!
Não são tritões, nem Netuno,
São seis famosas baleias!”

Argumentando contra a mitologia, o autor fala que os poetas gregos utilizavam-se das “crenças populares” para escrever seus textos, podendo ver numes por toda a parte, além de encontrarem nessa forma uma fonte para o seu “maravilhoso” e critica a presença desses deuses mitológicos severamente:

“O seu maravilhoso estava feito e tinha por base a crença popular, e tendo desaparecido esta crença, desapareceu para nós esse maravilhoso, reduzindo-se esse politeísmo a uma alegoria cediça e os nomes desses numes fabulosos, a velhas metáforas. Outro deve ser o maravilhoso da poesia moderna; e, se eu tiver forças para escrever um poema, não me servirei dessas caducas fábulas do paganismo, custe-me o que custar”.

Outro aspecto importante dessa carta é a repetida intenção do autor para com a construção de um poema inspirado na sua pátria. Pode-se aspirar que esse poema, que não passava de uma intenção em 1833, venha a ser no ano 1856 o famoso “Confederação dos Tamoios”, pois as ideias dessa publicação vinham sendo analisadas pelo poeta, que as sistematizou no texto *Os indígenas do Brasil perante a história*.

Neste último, Magalhães revaloriza a cultura indígena que vinha sendo denegrada desde a época do Brasil colônia e reconhece, como afirma FRANCHETTI [3], “que é o indígena o elemento preponderante na constituição do povo brasileiro”.

O texto começa afirmando a necessidade de cuidado para com tudo que se fala sobre os índios: “As notícias que sobre os indígenas da América, e com especialidade os do Brasil, nos deixaram os primeiros europeus que deles escreveram são tão contraditórias, que as não podemos aceitar todas sem exame” e fala claramente para que esse texto fora escrito: “O fim deste trabalho é reabilitar o elemento indígena que faz parte da população do Brasil”.

Para consumir a reabilitação indígena, Magalhães descreve toda a cultura desse povo, fala de suas crenças, de seus costumes, da sua maneira de viver, da sua maneira de fazer justiça, da sua ordem e baseia seus argumentos na afirmação e na negação de importantes personagens da história, como o Padre Vieira, Pero Vaz de Caminha e o historiador Varnhagen.

Por fim o documento conclui que o índio é um elemento indispensável da cultura brasileira e, dotado do espírito humano, como parte da nação, juntamente com a religião e a natureza deve ser integrado a essa nova maneira de escrever, o Romantismo.

O mais importante, talvez, desse texto, é a valorização que o índio recebe frente ao que se tinha sobre ele até então, esse documento pode ser considerado uma explanação sistemática das ideias defendidas na “Confederação dos Tamoios”, em que Magalhães escreve, em versos, sobre a rebelião do povo indígena contra os portugueses e defende os índios, atribuindo-lhes o caráter de guerreiros protetores de sua terra.

Cada dos textos citados aqui apresentam à sua maneira a importância que os autores deram ao nacionalismo, à natureza e à religião para a criação duma estética literária baseada na libertação do estilo clássico e opressor do arcadismo, muitas vezes identificado com a colonização portuguesa.

REFERÊNCIAS

- [1] NITHEROY : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em: SET/2012.
- [2] CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000. p.10.
- [3] FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.
- [4] DUARTE, M, de F, D. Primórdios do Nacionalismo Musical as “Ideias sobre a Música” de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.